

NOSSOS MESTRES

Desbravador de Brasília

Pioneiro na educação e nos estudos sobre Brasília, o geógrafo Aldo Paviani é um dos guardiões da memória da capital, que adotou como lar há mais de 55 anos

Minervino Júnior/CB/D.A.Press

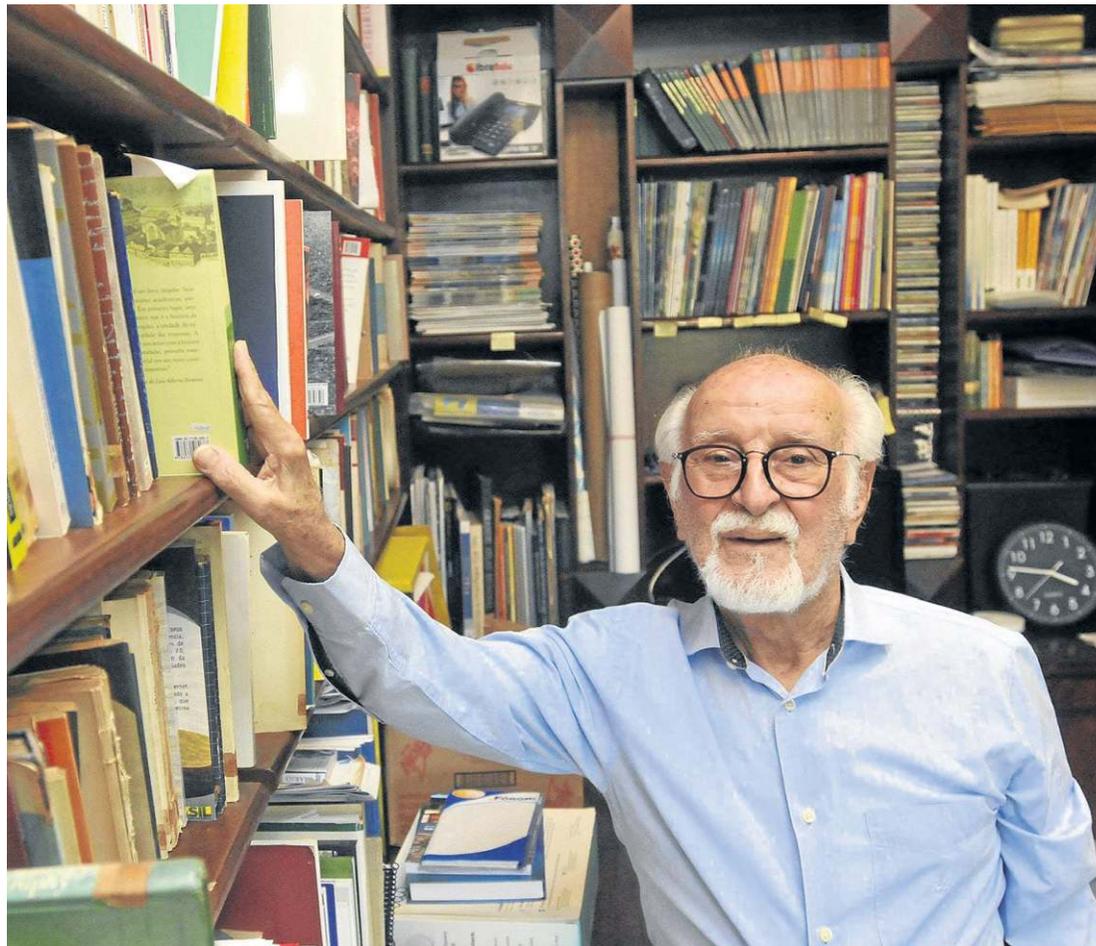
» MARIANA NIEDERAUER

O geógrafo Aldo Paviani, 91 anos, professor emérito da Universidade de Brasília (UnB), é mais que pioneiro: respira e inspira a cidade que escolheu para viver e estudar. Detalhes da construção e transformação do Plano Piloto, assim como da evolução da capital, que hoje abriga outras 34 regiões administrativas, borbulham com precisão e vivacidade na mente do pesquisador.

Gaúcho de Erechim, na região do Alto Uruguai, é o caçula de Adélia e Narciso, que trabalhou cortando pedras de basalto para construir o edifício que hoje abriga uma vinícola. "No município, tem um lugar que, quando o rio Uruguai está muito baixo, você fica com um pé no Rio Grande do Sul e o outro, em Santa Catarina", conta, bem-humorado, mas lamenta nunca ter tido a chance de testemunhar o fenômeno. O irmão mais velho, Mansueto, mora até hoje na cidade natal. "É um irmão espetacular, porque ele se sacrificou para eu fazer faculdade. Ficou cuidando dos meus pais", emociona-se.

Seu Narciso morreu aos 82 anos e Adélia, aos 76. "Acho que a vida deles até foi bastante longa, porque tinha um esforço físico grande. Mas sempre, minha mãe, mais do que meu pai, quiseram que eu estudasse", relata. O pai também era fotógrafo e eternizou um momento difícil para a família, a perda da irmã, que morreu logo após o nascimento. "Ele fotografou a menina que faleceu, foi uma pena. Queria tanto ter tido uma irmã, ou duas", sorri Aldo, com ternura.

A primeira experiência como professor foi no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), já em Porto Alegre, enquanto cursava geografia e história na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Ainda registrou uma passagem como contabilista na Contadoria-Geral do Rio



Grande do Sul e foi nomeado secretário de uma escola em Canoas, município cerca de 20km distante da capital gaúcha, à noite. "Eu saía das aulas na PUC correndo, pegava o ônibus e ia abrir a escola."

Amor para recordar

A mudança para Santa Maria teve como motivação o amor pela também professora Therezinha Isaia Paviani. Os dois se conheceram em Porto Alegre. "Ela ia passando na rua da praia, toda de vermelho, e me encantei, fui acompanhando", recorda-se, com riqueza de detalhes. Quando Therezinha passou em frente a um bar, Aldo se aproximou e perguntou: "A senhora quer um refrigerante?". A resposta

veio certa: "Mas você é muito atrevido!", observou Therezinha.

O professor relembra o encontro aos risos, e diz que ela aceitou um Guaraná. O desfecho, Brasília conheceu muito bem. O casal, que por meses manteve um namoro a distância e por cartas, se casou na escola de freiras onde ela dava aulas e, anos depois, seria pioneiro na UnB. Therezinha era bióloga e participou da criação de ao menos dois departamentos na federal. Aldo, por sua vez, é um dos responsáveis pela criação da Geografia tanto em Brasília quanto na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde ambos lecionaram. "Isso é uma coisa que ninguém me tira. Eu gosto de criar coisas", atesta.

"Eu vim de Santa Maria

requisitado pela UnB", relata, detalhando o processo, que ocorreu durante a ditadura militar. Mudou-se com a mulher para a nova capital em 1969, com a missão de ficar por um ano. Foi preciso convencê-la. O argumento de que seria um ponto central para as viagens que o casal sempre adorou fazer funcionou. Um ano viraram dois, que viraram quatro e se tornaram uma vida inteira de dedicação e de pioneirismo na capital da República.

Therezinha morreu em 31 de outubro de 2014, por complicações causadas pela doença de Parkinson. "Eu sempre digo que, em vez de fazer tanta bomba, Estados Unidos, Rússia e China deveriam descobrir um medicamento, um modo de acabar com o Parkinson."

Destino

A UFSM não aceitou fácil a permanência de Aldo e de Therezinha na UnB. Houve protestos. Mas uma lei amparava a escolha, permitindo que se habilitassem pela origem ou pelo destino. E Brasília se tornou o destino do jovem casal. "Cheguei aqui em 1º de julho de 1969. E não retornei mais para o Sul." As visitas à terra de origem são frequentes, no entanto, para ver Mansueto, hoje com 95 anos. As filhas, Cilene, Lúcia e Sílvia, são as companheiras nessas empreitadas.

Naquele início da década de 1970, Brasília se erguia e a UnB, também. "Para se ter uma ideia, o estacionamento da Ala Sul do Minhocão era todo em terra e o próprio Minhocão só ia até a entrada principal", relembra-se Aldo, sobre a construção do Instituto Central de Ciências (ICC), principal edifício do primeiro câmpus da UnB, o Darcy Ribeiro, na Asa Norte.

Guindastes se espalhavam pela universidade, carregando as vigas que completariam o tradicional prédio. Alguns outros, como o da Faculdade de Educação e o das engenharias, também estavam finalizados. "Era um poeirão que só vendo", conta o professor. Pelo resto da cidade, o cenário não era muito diferente. A Asa Norte tinha apenas uma pista, ida e volta, e as casas eram barracos de madeira.

Em agosto 1974, Aldo estava na plateia do 1º Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília, com a presença do urbanista Lucio Costa, criador do projeto da capital. Ele se emocionou ao ver o resultado, conta Aldo. "Fez um discurso, chorou, porque não imaginava que Brasília fosse se desenvolver tanto. Estava muito contente."

Foi o senador paraense Cattete Pinheiro, presidente da então Comissão do Distrito Federal, quem convenceu o urbanista a participar do evento. "Como é que pode? Como é que vocês conseguiram fazer